



Vozes femininas no universo marajoara: experiências de vida em situações de cura

Feminine voices in the Marajoara universe: life experiences in healing situations

Délcia Pereira Pombo, Doutoranda UFPA, Pesquisadora UEPA/CUMA, delciauab@gmail.com;
Josebel Akel Fares, Doutora, Pesquisadora UEPA/CUMA, belfares@uol.com.br;

Resumo

As experiências de pesquisas das autoras, ora individuais, ora coletivas, realizadas no arquipélago do Marajó, no final do século XX e no XXI, estudam aspectos culturais dos campos marajoaras, conhecido por seus rebanhos de gado, pela produção da cerâmica marajoara, pelas paisagens, e, em especial, a voz dos sujeitos que ecoa por essa imensidão dos campos. As redes temáticas apontam os estudos sobre os saberes, a educação, a memória, o espaço, a paisagem, as trajetórias de vida, as vivências nas lidas do cotidiano, as representações em crônicas de viagem, a língua, as poéticas, as mitopoéticas, ou seja, temas de ordem geral e particular em roda de sentimentos que fortalecem a escuta sensível. O artigo em questão resulta de experiências da pesquisa “Educação, memórias e saberes amazônicos: vozes de vaqueiros marajoaras” (2012-2014), sobre o vaqueiro marajoara, em que as mulheres são presença fundamental no processo em que expressam experiências por meio de narrativas de cura. Nesse ato de contar, o cuidado afetivo, a atenção, o desafio para ler a realidade e incorporar as dimensões de um ritual que permite sentir e absorver os efeitos curativos e de respeito aos saberes do outro no interior de um contexto relacional que se dá a conhecer no processo de cura nos campos do Marajó.

Palavras-chave

Marajó. Mulheres. Cura. Experiência. Narrativa.

Abstract

The research experiences of the authors, both individual and sometimes collective, carried out on the Marajó archipelago at the end of the XX century and in the XXI, examine cultural aspects of the Marajoara pastures, known for their cattle herds, to produce the Marajoara pottery, for their landscapes, and especially for the subjects' voices that echo through the immensity of these fields. Thematic networks point to studies on knowledge, education, memory, space, landscape, life trajectories, everyday life experiences, representations in travel journals, language, poetics, poetic myths, that is, themes of a general and order rooted in sentiments that strengthen sensitive listening. The article in question results from experiences of the research project "Education, Amazonian memories and knowledge: voices of Marajoara cowboys" (2012-2014), about the Marajoara cowboy, in which women are a fundamental presence in the process where they express experiences through healing narratives. Through this act of telling many things take place: affective care, attention, the challenge to read reality and incorporate the dimensions of a ritual that allows one to feel and absorb curative effects and respect the knowledge of the other within a relational context, all occur by understanding the healing process of Marajó pastures.

Keywords

Marajó. Women. Healing. Experience. Narrative

Notações iniciais

As vozes das mulheres, esposas de vaqueiros, sempre se fazem presentes em nossas pesquisas. Experiências de investigação no espaço marajoara confirmam. Na pesquisa *Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação*, desenvolvida no início do século, a autora (FARES, 2003) explica como essas figuras femininas cuidaram da pesquisadora, ataram suas redes, encontraram intérpretes, caminharam juntas ao encontro das redes temáticas míticas nos campos e ilhas do arquipélago. No projeto sobre *A épic do vaqueiro marajoara (2012-2014)*¹, percebemos que as mulheres acompanham todo o processo de trabalho dos maridos-vaqueiros, acordam cedo, fazem café, arrumam o surrão, organizam a vida dos maridos e filhos que vão campear.

E das conversas boas de convivência, no decorrer das pesquisas, muitos relatos femininos se fizeram presentes, e desse tanto, a maioria aponta para a dificuldade da dura vida diária: cuidar dos filhos, prover o alimento do almoço, cortar lenha, buscar água, organizar o funcionamento da sua morada ou o da casa-grande, fazer render o salário do mês. São mulheres a quem a vida se encarregou de dotá-las de saberes essenciais à própria sobrevivência junto à determinação para tomar a dianteira das situações, quando assim for necessário, nessas terras tão longínquas dos centros urbanos. De certa forma, isoladas no território das fazendas, essas mulheres atravessam grandes campos marajoaras e se encontram quando há comemorações festivas ou quando necessitam se solidarizar com outras, em momentos difíceis, na doença, levando mesinhas ou palavras de conforto. Uma boa parte das narrativas ouvidas conta sobre o processo de cura e variadas formas de burlar a doença e ser saudável.

As fontes orais deste texto resultam das entrevistas da pesquisa “Educação, memórias e saberes amazônicos: vozes de vaqueiros marajoaras” (POMBO e FARES, 2014), realizada em Soure, no período de 2012-2014. Recortamos do universo masculino as vozes femininas, pois ainda que o trabalho refira-se aos vaqueiros, elas acompanham os maridos nas entrevistas e contribuem sobremaneira com a memória para corroborar, lembrar datas e fatos que, às vezes, os homens não conseguiam informar com a mesma precisão de suas companheiras, elas também trazem outras informações e leituras do

¹ Projeto que resultou no livro *Saberes de Vaqueiros: Épica, Ancestralidade, Ofício*, organizado por Fares (2017), fruto do trabalho de pesquisadores que buscam discutir um dos profissionais essenciais da vida brasileira: o vaqueiro e, com ele, o universo da pecuária.

contexto de atuação do vaqueiro. Nesse sentido, “a memória reportada é um esforço para presentificar a narrativa do passado, de incorporá-la pela força do testemunho da fala do outro” (BOSI, 1994, p. 84).

Assim, a cada encontro, as vozes femininas se faziam ouvir comentando um e outro fato em que era evidente o desejo de as mulheres se manifestarem como seres capazes de iniciativas, com capacidade e audácia para desempenhar atividades nos mesmos padrões de igualdade com os homens. É certo que nos distantes campos do Marajó não acompanham o movimento de emancipação feminina ocorrida em todo o Ocidente, todavia sua luta emancipatória é evidente nas suas ações.

É o caso de Edna Vasconcelos, primeira participante feminina da maratona do cavalo marajoara. A prova, realizada desde 1982, tem duração de dois dias e desafia a habilidade e a resistência do cavaleiro e do animal, que enfrentam as mais diversas intempéries características dos campos do Marajó.

Ao todo, são 130 km de percurso, com saída do município de Cachoeira do Arari e chegada em Soure. A maratonista é filha do vaqueiro Erandir e irmã de Ernane Vasconcelos, campeão e vice-campeão da primeira prova de resistência do cavalo marajoara.



Figura 1: Edna Vasconcelos ao lado dos corredores da prova de resistência do Cavalo Marajoara (Fonte: arquivo da família, 1989)

A cavaleira traz a tradição familiar de vencedores da corrida e ousa participar de um evento eminentemente masculino. Edna queria comprovar a costumeira coragem, superar obstáculos e juntamente com o cavalo concluírem a corrida. Entretanto, mais que

cruzar a linha de chegada, ela percebe que participar da competição era uma mostra de resistência que não cabiam em um sistema exclusivamente masculino, por isso a decisão de enfrentar não apenas prova de resistência do cavalo marajoara, mas de enfrentar também um patriarcalismo, ainda presente, dentro da própria família e na sociedade marajoara.

Este foi um dos muitos relatos de Dona Ana Maria, conhecida como Tia Nica, Anica, esposa de Erandir. As entrevistas com os Vasconcelos, família tradicionalmente de vaqueiros, aconteciam na sala, no pátio, no banco em frente à casa e eram gravadas, anotadas, entre um gole e outro de café, e eram sempre carregadas de informações e compunham a coleta dos dados que abarrotavam a pesquisa nos mais diferentes temas. E a narradora, sempre presente, acompanhava a investigação em campo, o movimento dos intérpretes e as conversas fluíam naturalmente, sem premeditação. A memória de Tia Nica era o reforço necessário para temáticas diversas virem à tona, pois “é na história vivida que se apoia nossa memória” (HALBWALCHS, 1990, p.60).

Em certa ocasião, surgiu como tema das conversas os procedimentos de cura e as estratégias para socorrer alguém acometido por alguma doença na fazenda. E Dona Ana começou a contar sobre os percalços sofridos nessas ocasiões e como procedia quando as pessoas nas fazendas sofriam de alguma mazela. O apelo a formas de tratamento que aliviasse o sofrimento do enfermo desencadeou uma série de relatos. Agora, moradora da cidade, Tia Nica recorre à memória e, em meio às lembranças, um tom diferenciado se dá conforme a narrativa muda de tempo, espaços, enredo, personagens que fizeram parte de uma trajetória de vida, de um tempo saudoso que ficou lá atrás.

Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda, em torno de si, muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança (HALBWACHS, 1990, 9. 80)

Muito mais do que o relato de um fato, as narrativas orais são narrativas da vida e, nesse caso, são também histórias de vida contadas e cantadas por vozes poéticas de pessoas simples que contam o que ouviram ou presenciaram. Importa neste contexto o valor da experiência, somente quem viveu, experimentou, tem muito que contar, ensina Walter Benjamin (1993). Em *Conto e cura*, o filósofo narra a história de uma criança doente em que a mãe valendo-se da candura da voz, consegue a tão esperada cura do filho.

Comprova-se, assim, o poder da palavra narrada e do corpo que conta “Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração” (BENJAMIN, 1993, p. 269). Nessa correnteza de águas salobras com o gosto e o cheiro do Marajó na época das cheias, do alagado dos campos, a arte de contar segue o fluxo narrativo no contar de Dona Ana, a performance dá o tom da voz a ressoar em diferentes nuances na valorização do conhecimento “de quem tem tino pra coisa”.

Narrações de curas

Os processos de cura narrado implicam na voz em oração, nas benzeduras, nas pajelanças, nas plantas medicinais, na proteção dos santos de devoção, na solidariedade entre outros. Anotamos cinco experiências de cura narrados por D. Ana, tendo a maioria acontecido com os próprios filhos.

Neste texto, as pessoas dotadas com poder de cura, nas práticas de medicina popular, tem raízes fincadas no campo, e buscam incorporar todo o conhecimento que possuem em ações de solidariedade, cuidado e atenção diante dos desafios que o povo marajoara enfrenta nas labutas do dia a dia.



Figura 2: Iranda e D. Ana. Foto: Arquivo Família Vasconcelos

Em cada relato aqui contado, encontramos uma história que caracteriza esses sujeitos como seres culturais em redes de solidariedade que dão conta das doenças que a eles chegam em suas mais variadas formas em busca da cura em saberes que se constituem no exercício e prática dos dons com os quais foram dotados.

E assim as curas acontecem quando Seu Pedro benze com reza; Pedro Camaleão invoca os caruanas; as plantinhas do quintal em que Dona Maria Gemaque mostra seus conhecimentos sobre a medicina natural; a cura que vem pela fé em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a santa de devoção; e a medicina convencional vinda pelos estudos dos Medrado Bezerra. Estas são algumas das formas de cura das quais os moradores dos campos se valem e que serão revelados a seguir.

a. A tradição das rezas nos processos de cura: ofício de benzedor

A Edna, filha da Dona Ana e do Vaqueiro Erandir, ficou doente, passava mal, e a mãe aplicava os remédios convencionais de farmácia, porém ela não se curava, nada aliviava o sofrimento da enferma e da família. Então, apareceu Seu Pedro, um benzedor de grande prestígio na comunidade.

O benzedor ou rezador, bem como o curandeiro, desempenham papel importante na cura dos males [...]. A utilização dos meios de cura varia de acordo com a natureza da doença, ou seu grau de intensidade, além de outras circunstâncias que podem aparecer durante o tratamento e determinar as decisões que devem tomar (FONTENELLE, 1959, p. 38).

Assim que chegou à casa, passado os cumprimentos de praxe e apresentação da enferma, o rezador começou a benção e também se valendo de forte reza, clamou todos os santos e entidades que podiam ajudar no tratamento, e a família viu o poder de cura do benzedor, pois ele com seu poder de aliviar o sofrimento alheio, logo curou a menina:



Figura 3 Plantas medicinais de uso

Fonte: <http://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/bem-estar/sus-disponibiliza-curso-gratis-e-online-sobre-uso-de-plantas-medicinais/>

No dia 08 de dezembro era missa de Nossa Senhora da Conceição. A Edna, que nasceu em 06 de novembro de 1960, sem motivo nenhum deixou de mamar e só vivia dormindo. E ela já com febre, desde a véspera da missa, dia 07, à noite. Passou a noite e ela não mamou mais e o dia todinho do dia 08. Batizei logo ela de manhã.

Na hora da procissão, umas 4h o papai foi lá e disse para mim: "Anica, tu não queres que eu chame o Seu Pedro pra benzer a Edna?". Eu já estava no desespero e ela sem mamar desde o dia inteiro, desde às 7h da noite passada que ela não mamou mais. Aí o benzedor veio e pediu um pires com água e um ramo de vassourinha, mandou eu tirar ela do berço de vime, e botar ela no meu colo, deitar de bruços e abrir a camisinha dela nas costas. E a menina naquela sonolência.

Quando chegou mais ou menos na metade da reza, do benzimento, ela começou a despertar. Aí ele mandou eu virar ela de peito pra cima e continuou a rezar. Quando foi terminando a reza ela já estava suando e passando a febre. Aí ele disse: "Dê agora o peito pra ela". Graças a Deus ela mamou e ficou curada (Ana Vasconcelos, 2014).

O curandeiro explicou que a doença era quebranto e a providência da reza no momento certo evitou uma situação de perigo maior:

E era quebranto de três mulheres que tinham se admirado dela, da Edna, e elas estavam com muita fome. E quebranto perigoso é quebranto feito por pessoa que está com fome. Se lá não tivesse uma pessoa pra benzer ela logo, talvez até tivesse morrido (Ana Vasconcelos, 2014).

b. Rítual da pajelança: a magia da cura na imensidão dos campos

Na Fazenda Arraial, retiro Cosme Maria, aconteceu outra situação de cura desta vez o tratamento se deu por meio de um ritual de pajelança, que segundo Maués (1994, p. 73): “se fundamenta na crença nos "encantados", seres invisíveis que se apresentam durante os rituais incorporados no "pajé" (isto é, o xamã), que é a figura central da sessão de cura”.

E para a sessão de cura da esposa do senhor Cansinha, foi chamado o pajé Pedro Camaleão O recurso empregado para a doente sarar a asma foi à invocação de caruanas, assim narrada:

Eu vi o Pedro Camaleão, pajé-curador muito procurado, fazer uma senhora atacada de asma ficar curada com os poderes dele. Era um rapaz novo, mataram ele. A mulher estava passando mal, eu dizia que ela ia morrer. As filhas, no punho da rede, embalando e chorando. O marido dela é que tomava conta e foi buscar o curador em outra fazenda pra banda do Tocantins, longe, um dia inteiro montado, e eles só chegaram de noite.

Na hora que chegou foi ver a doente de nome Firmina, depois foi tomar e trocar de roupa e se preparar, colocar cinta, essas coisas... os preparos dele. Não jantou, foi logo cuidar da pajelança. E eu muito admirada de ver aquilo! Não acreditava que ele ia dar conta de curar ela, a mulher estava muito mal, não abria nem os olhos! Pelo meio da consulta baixou um camarada que tirou um negócio do estômago dela. Ele botou a boca no estômago dela, foi tirar e ficar boa na hora. Acabou o cansaço, a falta de ar, com tudo... e ela ficou boa na HORA. O marido dela tocava violino, ele era tocador, Cansinha era o nome dele. Quando acabou o trabalho, o pajé chamou o marido dela e disse: “Vá buscar o violino e toque aqui umas partes”. Quando ele chegou aí foi e tocou. O pajé pegou a doente e dançou. Quando ela acabou de dançar foi pra cozinha e fez café. Ela ficou BOA, BOA, BOA, só com esse serviço!

Essa parada eu vi que até hoje eu conto essa anedota (Ana Vasconcelos, 2014).

D. Ana retrata imagens e aspectos culturais da vida cotidiana dos campos marajoaras. Percebe-se no relato todo o aparato de um ritual religioso e os preparativos que norteiam a prática de pessoas agraciadas com o dom de curar e canalizam essas energias para o bem, para fazer o bem. De forma que possam expressar, por meio de suas crenças, de suas filosofias aquilo que acreditam com forte teor sagrado e repassam essa força mediúcnica a plateia que participa e se envolve na performance do pajé e dos seres que invoca. São as verdades que praticam e professam de maneira tão bem conduzidas que transmitem para a sua gente, as pessoas da sua terra, a revelação de uma fato, por meio de um grande

acontecimento de cura e libertação, em torno da pessoa para quem foi direcionada uma espécie de trabalho, de alguém que fez um trabalho do mal. E para a narradora, um ritual que se dá como presença na história tradicional, uma prática que oportuniza a circulação de saberes e produção da riqueza cultural de um povo em sua capacidade de expressão e potencial de cura.

c. E na plantinha do quintal, o poder da medicina natural

Outro caso aconteceu na fazenda Aruã com a Eida, filha de Dona Ana. Maria Gemaque ensinou à mãe o olhar atento à farmacopeia natural, às ervas medicinais que existem no próprio quintal como, por exemplo, a plantinha conhecida pelo nome de comida ou erva-de-jabuti. E Maria Gemaque mostrou e comprovou que as plantas tem poder de cura.



Figura 4 Erva de jaboti

Fonte: <http://www.movimentopanc.com.br/2017/06/erva-de-jabuti-peperomia-pellucida.html>

A Eida estava pequena, tinha dois anos mais ou menos, aí ela apareceu com uma diarreia, deu assadura nela e eu não sabia mais o que fazer, já vinha até pra Soure. Eu fui lavar roupa e apareceu a Maria Gemaque, avó do Mundica, lá do Aruã, ela entendia de parto, dessas coisas. Ela perguntou o que a Eida tinha e eu disse que ela não tinha mais nem fezes para colocar, era só aquele catarro com raios de sangue. Ela me disse: 'Tu tá vendo aquele matinho lá na boca do poço velho? Pega um punhado, ferve, põe numa bacia a mistura ainda morna e coloca ela sentada com água do umbigo pra baixo, que é vento caído'. Eu fiz e, com isso, ela ficou boa, só dois banhos, graças a Deus. Nem vim mais pra Soure, e hoje tá a Eida, porruda!

E quando indagada sobre o nome da plantinha, Dona Ana Maria faz uma observação a partir dos conhecimentos que lhes foram repassados pela curandeira: *Maria mole, não é planta, é*

mato, mas é remédio. Para vento caído é esse o mato para benzer, ferver pra banho, depende da doença.

d. Um caso milagroso: a cura pela fé na santa de devoção

A narradora agora relata que depois de várias tentativas, inclusive sobre o uso de sangue de urubu para curar uma doença de pele da filha Edna, clamou a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que, em sonho, ensina uma espécie de simpatia para salvar a menina da mazela que a acometeu quando ainda era bem novinha:

A Edna, eu recebi uma graça quando ela tinha quatro anos, daqui do joelho para baixo [faz o gesto] apareceu uma coceira, tipo uma alergia, que ela coçava e sangrava. Tinha a perna horrível, feia, até sangue de urubu eu passei. Tudo o que me ensinavam, eu fazia.



Figura 5 Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Fonte: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-perpetuo-socorro/49/102/>

Foi quando começou a aparecer os milagres de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e eu me peguei com ela: - Minha Nossa Senhora, socorre a minha filha, me ensine um remédio para ela ficar boa. Aí veio a noite, fomos se acomodar pra dormir. Eu sonhei, e no sonho eu ia pra missa, na igreja dela, em Belém. Quando acabava a missa eu saía, e tinha aquela senhora lá na frente da igreja. Diz que ela vinha e falava comigo: “Você tem uma filha que está doente e precisa de remédio? Eu vou lhe ensinar um remédio, mas eu quero saber se você vai fazer, porque ela vai ficar boa”. Eu dizia: “faço”. E ela me perguntou três vezes, e eu respondi três vezes. “Você pegue a urina do bacio

que foram vertendo de noite, ponha numa vasilha a urina, a cinza do fogão e bote dentro da urina e ferva. Quando ferver, deixa esfriar e sentar a cinza. Com a urina lave a perna dela. Lave três vezes no dia, só que a senhora vai sofrer junto com ela, porque ela vai chorar muito, muito, muito na primeira lavagem. Aí você pegue uma rede e arme no canto da sala e embale até ela parar de chorar. Não lave. Quando for na segunda, ela vai chorar, só que não igual a primeira vez. Quando for na terceira vez ela já não vai chorar”.

E assim foi. Quando foi no final ela se despediu de mim e eu dela. Eu perguntei:- Qual o seu nome? Ela me disse: “Você não pediu para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro o remédio? Está falando com ela” (Ana Vasconcelos, 2014)

Ao acordar a narradora duvidou do entendimento dos ensinamentos da receita deixada pela Santa, mas, por recomendação de parentes, a mezinha foi feita e aplicada:

E saiu e foi-se embora. Quando foi de manhã, eu amanheci contando o sonho, mas não ia fazer. Quando que Nossa Senhora ia falar comigo? Foi aí que a Malena e a mamãe disseram: “Faz, faz, tu não pediu o remédio? faz”. E eu fiz. E o que ela disse aconteceu: a Edna gritava, gritava, gritava e eu com pena dela, mas fiz como ela mandou. Taí a Edna com as pernas limpas! Ficou boa só com esse remédio que Nossa Senhora ensinou. E foi mesmo (Ana Vasconcelos, 2014).

e. Havia dois médicos no meio da viagem: cura e solidariedade

Neste exemplo, Dona Ana conta da doença do filho Nandi, que, com pneumonia e correndo risco de vida, foi socorrido por dois jovens médicos da família Medrado Bezerra que estavam de carona na mesma condução que mãe e filho. Eles vinham da fazenda para Soure.

O Nandi teve pneumomia, eu até desfiz do pai do Iranda, desobedecei ele. O Nandi começou com febre, tinha dois pra três anos, eu estava barriguda da Edna. E ele já estava dias assim. Aí apareceu uma tiração de boi [embarque] dos Filhos de Eva, o Iranda não ficava. Todo serviço, o pai dele [Roque Vasconcelos], que era o feitor, avisava e ele ia. Eu fiquei lá com o Nandi ruim, ruim e ele só piorou, piorou. O filho do Preto Juvêncio, o Munguba, morava lá com a gente e o Nandi muito ruim. Seu João Dias, o queijeiro, vinha toda semana pra Soure por causa da venda do queijo.

Aí eu peguei e fui lá pedir uma passagem pra mim e pro Nandi. Saindo de lá eu fui atrás do Antônio, meu primo, pegar um boi manso da sela do Iranda pra vir pro porto do Jenipapo e de lá pra Soure. Malena, a mando do Roque, pai

do Iranda, me avisou pra eu não sair de lá sem o conhecimento do Iranda. Eu não quis nem saber, me arrumei, peguei o Nandi e saí.

Meia-noite foi a hora da viagem e de inverno... Diacho!!! Já pensou o lamaçal? O Munguba resolveu pegar um cavalo também da sela do Iranda e ir atrás dele avisar da minha viagem. Ele saiu de tardinha da Tapera e chegou à noite nos Filhos de Eva. Quando nós chegamos pertinho do Jenipapo seu João Dias disse: “Ana Maria, o Tio Iranda vem aí atrás, estou ouvindo tropel de cavalo”. Não demorou muito ele encontrou conosco.

Quando embarcamos no bote, o queijeiro avisou que ia encostar no porto da fazenda Santo André para pegar dois passageiros, que eram os donos da fazenda Ritlândia. “Olha Ana Maria, esses dois são médicos, são doutores”. Um deles me perguntou: “O que é que ele tem?” Eu respondi: “Vômito, febre e tosse”. – Faz aí a medicação do menino –, um deles falou.

Quando chegamos em Soure a farmácia ainda estava fechada. O médico ia viajar, mas queria que atendessem o paciente. O Iranda chamou o dono que veio e nos atendeu e o médico, então, aplicou uma injeção no Nandi e ele logo melhorou.

Nessa época a gente ficava lá na Sociedade¹⁰, aí o Iranda perguntou quanto era a consulta e o médico disse que não era nada, que só queria que o menino ficasse bom. Eles eram da família Medrado Bezerra.

Conclusão: pelo avô, o Roque, o Nandi tinha morrido, porque o Iranda não estava em casa e ele não queria que eu saísse de casa sem autorização do marido. Mas veja só! (Ana Vasconcelos, 2014)

Diante da constatação da situação de vulnerabilidade da criança, os médicos são solidários à família. Os dois se incluem a longa linhagem de profissionais da saúde da família, conhecedores da região e sabedores das dificuldades das comunidades, onde eles também têm terras para criação de gado, eles sabem o quanto o enfermo precisa da especialidade médica. E a intervenção desses profissionais da saúde se faz necessária e muito bem vinda, para que Dona Ana sentisse que seu esforço não foi em vão. Ao enfrentar a autoridade do sogro, o lamaçal do inverno, a madrugada adentro nos longínquos campos montada num cavalo e carregando o filho doente, ela merecia uma recompensa que, para a aflição da mãe, só poderia acontecer pelo pronto restabelecimento da saúde do filho.

As icamiabas marajoaras

A contribuição da mulher na compreensão dos saberes presentes nos campos do Marajó tem importância fundamental no contexto deste estudo. E a forma como a

¹⁰ Uma residência de bom tamanho na 2ª Rua, perto da Exposição de Feira Pecuária, que tinha muitos cômodos para abrigar os empregados da fazenda Tapera, e anexos, quando vinham à cidade.

narradora conclui suas histórias, revela atitude destemida, de alguém que se contrapõe à ordem estabelecida. Halbwachs (1990, p. 47) entende que “na medida em que cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos com mais frequência nos passam despercebidas”.

Assim, muito da obsessão por conquistas, exploração, relações de poder no Marajó passam despercebidas, são naturalizadas. A formação identitária do vaqueiro do Marajó e seus descendentes é idealizada, ele é um herói dos campos, todavia vive em condições de dependência com o patronato, a quem eles devem obediência. Em relação às mulheres, a situação é mais difícil, conforme denuncia Dona Ana (2014):

As mulheres da cidade quando vão pra lá é que elas não se dedicam à criação de animais do quintal, ao bordado, às costuras, a debruar o chapéu do marido, nada, só cuidam da casa e dos filhos e olhe lá. E é só isso, não querem mais nada.

Essas mulheres do campo precisam, então, assumir as tarefas rejeitadas por aquelas. Entretanto, a atitude de submissão pretendida pelos homens – patrões, maridos, sogros, filhos – nem sempre é assumida. Dona Ana exemplifica muito bem a atitude avessa ao autoritarismo, quando desobedece o sogro para ir a Soure em busca de assistência médica para o filho. A mulher se contrapõe à ideia de que a figura feminina está relegada às prendas do lar, além da ausência de receptividade com as mulheres que saem da cidade para morar na fazenda por não se adequarem aos afazeres destinados às mulheres que vivem na zona rural.

Contrapontos à parte, o que se pretende com as narrativas orais impressas é mostrar a participação efetiva dessas vozes femininas na construção da História, cujas narrativas expressam as diferentes culturas, identidades, costumes e, de certa forma, atuam na melhoria de vida na região dos campos e a superação dos problemas enfrentados por quem mora/morou nesses locais de difícil acesso.

Durante as conversas muito se falou em despertar o talento das mulheres que seguem para a cidade com os maridos e lá precisam desenvolver atividades destinadas à geração de trabalho e ganho financeiro. Foram várias as sugestões que se trançaram nos bordados em ponto cruz, confecção de tapetes, produção de doce de leite, criação de

galinha caipira, patos, coleta de ovos e outros afazeres nos quais se empreguem os dons e as aptidões que já desempenhavam nos campos e enaltecem a cultura local.

Com esses saberes Elisabete Vasconcelos, também conhecida por Beth (filha de Erandir) chegou à cidade e muito se orgulha das suas experiências enquanto caseira da casa-grande nas fazendas Ditosa e Tapera, lugares onde aprendeu um pouco de tudo pois “*era preciso se ocupar por lá mesmo. Os meninos estavam na escola e o Lupico [esposo, tratorista da fazenda] saía cedo e só voltava no fim da tarde*”. Quando a família saiu da fazenda rumo à cidade, os saberes de Beth ultrapassaram as cercas das propriedades rurais e agora o doce de leite, o frito de vaqueiro, a linguiça, assim como as palas de camisas marajoaras bordadas em ponto cruz são ofícios que complementam a renda familiar. Os alimentos da culinária regional e os bordados tem fácil aceitação no mercado local: “*O que faço de cozinha não sobra nada. As palas de camisa só faço de encomenda, às vezes, faço umas a mais e deixo aqui, quando vem gente já tem. As que não vendem logo ficam por aqui... servem de modelo*”.

As dificuldades enfrentadas por homens e mulheres marajoaras na labuta diária, as experiências vividas corroboram para trazer à tona questões sociais e culturais que refletem o sentimento de pertencimento, de identidade e da relação que assumem quanto ao local que fez ou faz parte da vida do cidadão dos campos do Marajó.

O sujeito que narra não conta a história de si mesmo sem narrar a história dos que viveram com ele, dos que lutaram com ele, dos que caíram com ele, dos que foram silenciados com ele, dos que voltaram a falar com e através dele. Nessa percepção, o sujeito que narra literariamente num determinado Tempo e Espaço, dilatado ele também como um coletivo de vozes, um ser plural, uma legião, pois dele ouviremos e/ou leremos as ressonâncias de um ou vários grupos sociais com os seus mais distintos signos, toada uma poética que singular, é plural. (PORTO, 2010, p. 40)

Nesta trajetória, o recorte narrativo do feminino perpassa pelos caminhos da memória, ora individual ora coletiva, dependendo das circunstâncias de fala e lugares ditarem as relações a serem veiculadas. As palavras de Halbwachs (1990, p. 51) sintetizam o exposto: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”.

É inegável a participação das mulheres no âmbito das sociedades rurais do Marajó e muitas delas foram/são dinâmicas nas várias atividades que estavam/estão sob sua

responsabilidade para o bom andamento do serviço nas fazendas e com suas famílias. E Dona Ana, ao contar histórias sobre si e seu entorno cultural “pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer)” (BENJAMIN, 1994, p. 221).

O que se aplica ao contexto das narrativas contadas e ora registradas como um reflexo da realidade que as mulheres dos campos vivenciam e demonstram, ao modo coletivo de agir do povo marajoara, aqui manifesto em suas lembranças.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. Imagens do pensamento. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II – Rua de mão única**. 3. ed. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I – Magia e técnica, arte política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FARES, Josebel Akel. **Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

FARES, Josebel Akel (org). **Saberes de Vaqueiros: Épica, Ancestralidade, Ofício**, Belém: Eduepa, 2017

FONTENELLE, Luiz Fernando. **Aimorés: análise antropológica de um programa de saúde**. Rio de Janeiro: DASP, 1959.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MAUÉS, Raimundo Herald. Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Orgs.) **Saúde e doença: um olhar antropológico** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Disponível em books.scielo.org/id/tj4g/pdf/alves-9788575412763-06.pdf. Acesso em 11 de março de 2016

POMBO, Délcia Pereira. **Educação, memórias e saberes amazônicos: vozes de vaqueiros marajoaras**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, 2012.

PORTO, Patrícia. **Narrativas memorialísticas**: por uma arte docente na escolarização da literatura. Curitiba: Editora CRV, 2010.

Fontes orais:

Ana Maria Vasconcelos de Vasconcelos. Entrevista em 24/07/2014

Edna Maria Vasconcelos Gonçalves. Entrevista em 24/07/2014

Elizabeth Maria de Vasconcelos Gonçalves. Entrevista em 24/07/2014